

Banda Sinfônica: um relato sobre o processo de formação coletiva do grupo

Filipe Ximenes Parente
Universidade Federal do Ceará
philipeximenes@gmail.com

Eloilma Moura Siqueira Macedo
Universidade Federal do Ceará
eloilma.moura@hotmail.com

Introdução

O ensino de música por meio da prática instrumental coletiva vem crescendo no país, demandando cada vez mais profissionais especializados, instituições de ensino que atendam aos discentes e metodologias que supram às necessidades e aspirações desses instrumentistas. Uma forma de ensino de música eficiente e que corresponde a estas expectativas é a Banda de Música. Através deste artigo, pretendemos fazer um breve levantamento histórico das bandas no Brasil, no nordeste e, mais especificamente, na Universidade Federal do Ceará (UFC), campus Fortaleza, descrever as atividades da Banda de Música desenvolvidas dentro deste lócus específico, bem como metodologias de ensino utilizadas no contexto, e avaliar as contribuições da banda para a educação musical na atualidade, e assim relatar e refletir sobre a trajetória e processo de formação da Banda Sinfônica da UFC.

Entendemos que a Banda de Música vem contribuindo significativamente para a formação de instrumentistas de sopro no Brasil. A história demonstra que as bandas têm ampliado seu espaço de atuação cooperando para a integração social e cultural das comunidades onde estão inseridas. De acordo com Nascimento (2007) as bandas foram os principais veículos de cultura e divulgação da música, além de serem as escolas de formação de músicos. Porém, a partir da chegada dos portugueses este ensino foi sendo modificado gradativamente. Na bagagem os próprios marinheiros trouxeram os seus instrumentos, músicas instrumentais e cânticos.

No tópico a seguir, apresentamos um breve contexto histórico sobre a Banda de Música fundamentado em alguns trabalhos como: Tinhorão (1972); Binder (2006) e Nascimento (2007).

Um breve histórico sobre a banda de música

Embora não tenham sido encontrados registros, é possível conjecturar que as primeiras práticas de ensino de música no Brasil tenham sido realizadas pelos indígenas, antes mesmo dos portugueses aqui desembarcarem (PARENTE, 2015).

É sabido, que embora os Jesuítas tenham sido os primeiros professores de música no Brasil, pelo menos no que se refere à música de tradição europeia, seu objetivo principal não era ensinar música: este era um meio, por intermédio do qual poderiam cativar mais facilmente os indígenas e fixar-lhes melhor o aprendizado da doutrina católica apostólica romana. Embora os Jesuítas tenham utilizado os instrumentos e a língua indígena no Cantochão ensinado a eles, estas práticas foram apenas introdutórias, pois, assim que podiam, os ensinavam a tocar e até construir instrumentos tradicionais da música europeia.

Com o tráfico de negros ao Brasil, que teve início em meados do século XVI, foram registrados as primeiras práticas instrumentais e ensino de música europeia para negros escravos. De acordo com Tinhorão (1972) em 1610, esteve na Bahia o francês François Pyrad de Laval, que relatou ter conhecido um poderoso senhor de engenho, conhecido como Baltazar de Aragão, que possuía uma banda integrada por 20 ou 30 escravos.

Além das bandas mantidas por abastados, existiram grupos musicais de negros escravos mantidos pela igreja. O principal exemplo disto ocorreu no início do século XVIII, quando a Marquesa Ferreira doou uma grande extensão de terra aos Jesuítas. Este local recebeu o nome de Fazenda Santa Cruz e nele construiu-se uma espécie de Conservatório, destinado a formar os negros em música.

Segundo Granja (1984) no decorrer do século XVIII começaram a surgir as Bandas de Barbeiros, que eram geralmente formadas, por africanos libertos. Esses agrupamentos foram vitais para a construção de uma identidade da música popular brasileira e para a prática de instrumentos de sopro no Brasil.

No século XIX acontecem diversas mudanças no cenário do ensino de música no Brasil, boa parte destas mudanças devem-se à chegada da corte portuguesa em 1808, neste momento a música estendeu-se da igreja para teatros. Contudo, foi no início do século XIX, segundo dados apresentados por Binder (2006) que surgiram as primeiras bandas militares brasileiras. Fato concretizado em 1831 com a criação das Bandas de Música da Guarda Nacional.

No final do século XIX iniciaram as primeiras bandas escolares brasileiras de que

se tem registros. No século XX as bandas de música se transformaram em uma popular manifestação da cultura nacional.

Entendendo o contexto local

O nordeste do Brasil é formado pelos seguintes estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio grande do Norte e Sergipe. A música nessa região se constituiu, muitas vezes, por várias iniciativas individuais. Como exemplo, temos estudos publicados em revistas especializadas como a revista da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) que apontam algumas dessas iniciativas, como nos trabalhos de Figueiredo (2012) que analisa documentos de quatro regiões do nordeste para o ensino de música na escola.

O ensino de música também chegou no nordeste brasileiro por trabalhos como o do professor e educador musical Joaquim Koellreutter. Esse educador participou de algumas atividades na Universidade Federal do Ceará (UFC), onde acompanhou alguns trabalhos como o coral da UFC (SILVINO, 2007). Koellreutter também foi fundador da escola de música e dos Seminários Livres de Música na Bahia, em 1954, um dos principais eixos na democratização do ensino de música na Bahia (RISÉRO, 1995).

Já no Ceará a música passou por várias nuances. Temos relatos da professora Elba Braga Ramalho que detalham que no Ceará na década de 1930 a educação musical ocorria, principalmente, no ambiente familiar (POVO, 2013). Seguindo o mesmo contexto educacional temos o rádio como interventor, “professor”, democratizador dessa música no nordeste brasileiro. Uma das rádios que se estabeleceram naquela época foi a Ceará Rádio Clube que surgiu em 1934 e perdurou até 1947 (POVO, 2013).

Em 1956, ocorre um fato importante para a música cearense. Orlando Leite passa à direção do Conservatório de Música Alberto Nepomuceno e propõe a criação de um curso de educação superior em música. A luta encapada por Orlando Leite envolvia um profundo trabalho de preparação não apenas com alunos, como também com professores que deveriam aperfeiçoar seus currículos para compor um corpo docente desse possível curso (PARENTE, 2015).

Paralelamente ao movimento musical, na cidade de Fortaleza na década de 1950, foi instituída a Universidade Federal do Ceará (UFC). Em 1967, o sonho de um curso superior em música vem a realizar-se, por meio do decreto 60.103 de 1967, no qual foi concedido o reconhecimento dos Cursos Superiores de Instrumento (Violão e Piano) e Canto, e a autorização para o funcionamento do curso de Professor de Educação Musical (SCHRADER, 2002).

Porém, em 1968, ocorre um fato que afetaria diretamente a trajetória do campo musical em Fortaleza. O reitor Martins Filho é afastado da direção da instituição, ficando em seu lugar o professor Fernando Leite. Com isso “todas as ações administrativas não mais passariam a prestigiar as atividades musicais na Universidade, havendo uma descontinuidade no trabalho da gestão anterior” (SCHRADER, 2002).

Em 1977 a Universidade Estadual do Ceará (UECE) teve sua instalação concretizada. E neste período direcionou seu âmbito de abrangência àquelas profissões mais necessárias ao desenvolvimento do Ceará, dentre elas se situava a graduação em música (SCHRADER, 2002).

Adiante, Silvino (2007) relata que em 1983 surge o polo de educação musical na Messejana com a professora Ana Maria Militao. No ano seguinte, em 1984, de acordo com Matos (2008) a professora Izaíra Silvino Moraes assume a coordenação da Casa de Cultura Artística da UFC e no ano de 1985 surge à ópera nordestina, protagonizada por Paulo Abel do Nascimento, um soprano cearense que após sete anos de trabalho e estudo na Europa, retorna ao Ceará com o objetivo de contribuir com o desenvolvimento da educação musical.

Em 1987, a UFC contava com os corais da faculdade de medicina, os corais da casa de cultura francesa, coral do curso de psicologia e o coral da faculdade de educação. Em 1994 ingressa na Universidade Federal do Ceará o professor Elvis Matos de Azevedo que em 1995 apresenta, a Pró-Reitoria de Extensão, o projeto de criação de um Curso de Extensão em Música. O curso se sedimentou e, em 2005 torna-se uma graduação: Licenciatura em Educação Musical, curso ligado a Faculdade de Educação (FACED) que tem como espinha dorsal a expressão vocal coletiva.

Atualmente a Universidade Federal do Ceará tem, além dos cursos de graduação e dos projetos de extensão, uma linha no eixo educação currículo e ensino, do programa de pós-graduação em educação brasileira sobre o ensino de música, favorecendo a discussão e a reflexão desse ensino em um ambiente acadêmico, viabilizando outras iniciativas que objetivem a democratização do ensino de música em nossa região. Dentre essas iniciativas, temos a ampliação do curso de música que se estabeleceu na UFC, campus Sobral e Cariri, que atualmente se instituiu como UFCA (Universidade Federal do Cariri). E por fim, temos o mestrado profissional em artes (PROFARTES) que também faz parte da ampliação deste campo.

Outra iniciativa que proporciona o acesso e a democratização do ensino de música em nossa região é a possibilidade de ingressar no curso de licenciatura em música da

Universidade Federal sem o teste de habilidade específica, possibilitando que os alunos tenham a oportunidade de aprender música dentro da universidade, tendo em vista que não temos escolas públicas de música no estado.

Banda sinfônica da UFC: uma construção coletiva

Como citado no tópico anterior, a Universidade Federal do Ceará possui alguns projetos de extensão que visam possibilitar o acesso a música e a aprendizagem musical à comunidade, contribuindo em aspectos educacionais, musicais e sociais.

Dentre essas iniciativas de extensão, temos a Banda Sinfônica da UFC. Essa atividade musical surge a partir de uma disciplina optativa do curso de Licenciatura em Música denominada Prática de Conjunto de Sopros, no ano de 2015. Objetivando ampliar as possibilidades musicais da disciplina sugerimos a criação de um trabalho aberto a participação da comunidade local. Desta maneira, tivemos o primeiro grupo formado na metade do primeiro semestre de 2015.

Naquela época a habilidade musical dos integrantes era bastante homogênea, fazendo com que o grupo tivesse arranjos que possibilitassem a participação de todos. Posteriormente, no segundo semestre de 2015 ingressaram novos alunos da licenciatura e, também, da extensão, interessados em aprender um instrumento musical de sopro.

Tendo em vista que tínhamos um grupo que já tocava, decidimos por dividir os estudantes, deixando os iniciantes em uma turma separada. Na turma iniciante o trabalho era feito de maneira coletiva e utilizava-se o método: “Da Capo: método elementar para o ensino coletivo e/ou individual de instrumentos de banda” (BARBOSA, 2004). O grupo contava com 16 instrumentistas divididos nos seguintes instrumentos: 4 flautas, 5 clarinetes, 2 saxofones alto, 1 saxofone tenor, 1 trompa em fá, 1 trompete, 1 trombone e 1 bateria.

A metodologia coletiva foi eficaz na formação inicial dos músicos. O método “Da Capo” se mostrou eficiente neste trabalho, sendo utilizado até a atividade de número 60. Nascimento (2007) também apontou em sua pesquisa, a eficiência deste método, observando que:

a utilização do **Método Elementar para o Ensino Coletivo de Instrumentos de Banda de Música “Da Capo”** desenvolvido pelo Prof. Dr. Joel Barbosa como conteúdo programático de ensino subtraiu os fatores que contribuem para a ineficiência do ensino musical das bandas de música amadoras brasileiras [...] Os depoimentos coletados na pesquisa ratificaram as observações preliminares dos estudos

exploratórios, confirmando que o método “Da Capo” encontra-se de acordo com as atuais propostas em educação musical instrumental, segundo o professor Keith Swanwick. (NASCIMENTO, 2007, p.69)

Após a utilização do método, e da aprendizagem por parte da turma, iniciou-se um trabalho que visava a construção de um repertório adaptado para o nível dos alunos. A primeira música era “Asa Branca” de Luiz Gonzaga e Renato Teixeira, em um arranjo adaptado para essa formação inicial do professor Dr. Joel Barbosa. A segunda música foi “We’re on a mission to Rock” de Steve Homme; esta música era de fácil execução e tinha uma característica rítmica marcante. A terceira música foi arranjada especialmente a pedido do grupo e se chamava “Show das Poderosas” de Annita, com arranjo de Filipe Ximenes. Este foi o arranjo que mais exigiu dedicação dos estudantes, por conta de alguns aspectos musicais inseridos com o objetivo de estimular a execução instrumental dos estudantes. Por fim, tocamos uma música de Maria Meron, com arranjo de Filipe Ximenes, chamada “Chorinho”.

No final do semestre os alunos fizeram apresentações públicas no saguão, no pátio e na cantina da universidade, possibilitando o desenvolvimento artístico, musical e social dos estudantes envolvidos.

No semestre seguinte, esses estudantes se agregaram aos que já tocavam no primeiro semestre de 2015, formando uma banda com 42 integrantes, e dois regentes que trabalham em parceria, construindo um repertório com oito músicas, a saber: Anunciação (Alceu Valença) com arranjo de Themístocles Stanton; Centuria (James Swearigen); John Williams Trilogy (John Williams); Mas que nada (Jorge Ben); Montañas del Fuego (Markuz Götz); Noites Carienses (Cido Gonçalves); The Great Locomotive Chase (Robert Smith); Watermelon Man (Herbie Hancock); e fazendo apresentações públicas em alguns locais como: Auditório do Hospital Sarah Kubitscheck, Foyer do Theatro José de Alencar, Jardins da Reitoria da Universidade Federal do Ceará. Concerto no Festival Nordeste 2016, apresentação no Palco Principal do Theatro José de Alencar, juntamente com a Banda do Norte, e por fim uma apresentação no festival Sinfonia Br no Cine Teatro São Luiz.

Atualmente a banda citada acima constrói um repertório baseado em temas de filmes. Paralelamente a este trabalho, temos uma turma de iniciantes que conta com 25 estudantes, divididos em flauta transversal, oboé, clarinete, saxofone alto e soprano, trompete, trompa, bombardino, trombone, tuba e bateria.

Considerações Finais

O presente artigo apresentou sobre a trajetória de formação da Banda de Música da Universidade Federal do Ceará. Inicialmente descrevemos sobre o contexto histórico das bandas para que o leitor tenha uma visão geral do assunto. Em seguida, destacamos o desenvolvimento do contexto local, para o melhor entendimento das práticas desenvolvidas no nosso estado. Por fim, apresentamos resumidamente a trajetória de formação musical da Banda Sinfônica da UFC.

A partir de uma reflexão constante, entendemos que no contexto atual da educação musical a Banda Sinfônica da UFC pode ter a função de proporcionar a vivência musical e a musicalização, além da agregação de valores sociais e culturais, contribuindo para a formação humana dos agentes envolvidos nesse campo. A carência de professores de música para exercer o papel de educador musical pode encontrar na banda de música, uma solução. Tendo essa a função de ser a escola do povo (LANGE, 1979).

Nesse contexto a Banda Sinfônica da UFC pode contribuir com a educação musical na atualidade, estabelecendo parcerias estabelecidas entre escola, comunidade e outras bandas podendo ampliar o acesso a música, fazendo com que a educação musical tenha uma função própria no contexto atual.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Joel L. Da Capo: método elementar para o ensino coletivo e/ou individual de instrumentos de banda. Regência. 1ª. ed. Jundiaí, São Paulo: Keyboard Editora Musical, 2004. 230 p.

BINDER, Fernando P. Bandas militares no Brasil: difusão e organização entre 1808 e 1889. Dissertação (Mestrado em Música) – UNESP. São Paulo, 2006. 135 p.

BRASIL. Decreto 60.103 de 20 de Janeiro de 1967. Concede reconhecimento ao Conservatório de Música Alberto Nepomuceno. Brasília, DF, 1967. Disponível em <<http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:federal:decreto:1967-01-20;60103>>. Acesso em: 7 ago. 2014.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. A educação musical do século XX: os métodos tradicionais. In: JORDÃO, G.; ALLUCCI, R. R.; MOLINA, S.; TERAHATA, A. Música na escola. São Paulo. Allucci e Associados comunicações, 2012. Disponível em: <http://www.amusicanaescola.com.br/o-projeto.html>. Acesso em 26 de julho de 2014.

GRANJA, M. de F. D. A Banda: Som & Magia. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1984.

LANGE, F. C. A música do período colonial em Minas Gerais. In: Seminário sobre a cultura mineira no Período Colonial. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura Mineira no Período Colonial, 1979.

MATOS, Elvis A. Um inventário luminoso ou alumiário inventado: uma trajetória humana de musical formação. Fortaleza: Diz Editor(a)ção, 2008.

NASCIMENTO, Marco A. T. Método elementar para o ensino coletivo de instrumentos de banda de música Da Capo: um estudo sobre sua aplicação. Dissertação (Mestrado em Música) – PPGM/UNIRIO, Rio de Janeiro, 2007.

PARENTE, F. X. A música local na escola cearense: uma análise sobre as trajetórias de formação docente. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

POVO, TV. Música: a invenção do Ceará. Disponível em: <<http://www.youtube.com>>. Acesso em: 15 out. 2013.

RISÉRIO, Antonio. Avant-garde na Bahia. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1995.

SCHRADER, Erwin. O canto coral na cidade de Fortaleza/Ceará: 50 anos (1950-1999) na perspectiva dos regentes. 2002. Dissertação (Mestrado Interinstitucional em Música) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2002.

SILVINO, Izáira. ...ah, se eu tivesse asas... Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007.

TINHORÃO, J. Música popular: de índios, negros e mestiços. Petrópolis: Vozes, 1972.